

018

AMBIVALÊNCIA E AUTORITARISMO EM MACHADO DE ASSIS. Ingrid G. da Costa, Andressa C. Machado, Jorge Waithers, Vinícius M. Halinski, Antônio Sanseverino (Departamento de Literatura e Artes – Faculdade de Educação, Ciências e Letras – Ritter dos Reis).

Poder-se-ia colocar uma síntese provisória da seqüência de romances da 2ª fase de Machado de Assis. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, existe uma intersecção entre os problemas sociais e pessoais, tanto de Brás Cubas quanto de Rubião. Em *Dom Casmurro*, os aspectos sociais – patriarcal e autoritário, unidos a uma formação culta – levam ao drama amoroso, a condenar no outro o desejo de ser livre. Em *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, Machado trata da condição pessoal ambivalente, marcando a separação dos problemas históricos – passagem do Império para a República e Abolição da escravatura – e dos problemas individuais – a insanidade de Flora. O humanismo apresenta-se em *MPBC* e *QB* como uma filosofia séria, como o Positivismo, mas de fato justifica o comportamento egoísta e o instinto de conservação; ironicamente a destruição do mais fraco reverte-se em um “bem” para a sociedade. Em *DC*, Bento constrói um discurso melancólico, amargurado, sobre a traição de sua mulher e de seu melhor amigo, mas mascara com isso a condenação autoritária de Capitu. Em *EJ* e *MA*, Flora representa a constituição do sujeito ambivalente, incapaz de decidir, expressão da síntese impossível, enquanto Aires opta por viver resignadamente a separação entre a esfera social e privada. Enquanto Flora é levada a loucura – a viver num mundo imaginário – e à morte; Aires “morre” em vida, vivendo com melancólica indiferença: *I can't give what men call love*. A ambivalência do comportamento humano, socialmente constituída e literariamente representada, pode ser vista como fundamento da loucura de Rubião e de Flora, da violência de Bentinho quando perde o limite do outro e da indiferença agressiva de Brás Cubas e fria de Aires. (Ritter dos Reis).